

ENCICLOPÉDIA



VERBO

Luso-Brasileira de Cultura

Edição
Século XXI

16

Editorial Verbo
Lisboa | São Paulo



EDITORIAL VERBO
DEPARTAMENTO DE ENCICLOPÉDIAS E DICIONÁRIOS

DIRECTOR
JOÃO BIGOTTE CHORÃO
da Academia das Ciências de Lisboa

SECRETARIA-GERAL
ANTÓNIO LEITÃO

COORDENAÇÃO EDITORIAL
JORGE COLAÇO
GEORGE VICENTE

TRATAMENTO INFORMÁTICO
EM BASE DE DADOS
SANDRA MONTEIRO

COORDENAÇÃO GRÁFICA
MAGDA MACIEIRA COELHO

PESQUISA ICONOGRÁFICA
MAGDA MACIEIRA COELHO

FONTES ICONOGRÁFICAS
ARQUIVO VERBO • EUROPEDIA
BONNIER'S LEXICON

REVISÃO
LÍDIA VINTÉM

CAPA E GUARDAS
JOSÉ BRANDÃO

PAGINAÇÃO E PRÉ-IMPRESSÃO
MARIA ESTHER - GABINETE DE ARTES GRÁFICAS, LDA.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
TILGRÁFICA - BRAGA
AGOSTO DE 2000

© EDITORIAL VERBO
LISBOA / SÃO PAULO

NÚMERO DE EDIÇÃO: 2591
DEPÓSITO LEGAL N.º 135 126/99
ISBN 972-22-1850-6 (OBRA COMPLETA)
ISBN 972-22-2003-9 (VOLUME XVI)

NOTA PRÉVIA

Editar uma Enciclopédia implica uma clara consciência de que o momento da edição representa um corte num processo que continua, imperturbável, a desenrolar-se. Preparar uma edição profundamente revista e actualizada dessa Enciclopédia — resultado de uma tal consciência — implica, por sua vez, a noção de que uma actualização não constitui necessariamente um corte com o mundo dos valores e dos saberes a que o brilho e o esforço de muitos dera anteriormente expressão. Empreender a actualização dessa Enciclopédia constitui, antes de mais, uma homenagem a esse labor colectivo, dando-lhe continuidade.

Nesta renovada edição, a ENCICLOPÉDIA VERBO tomou corpo animada pelo mesmo sopro de alma com que a anterior se apresentou. Mas nela está presente, mercê de centenas de contribuições de especialistas, um desejo de aperfeiçoamento e de atenção ao mundo que agora vivemos, ferido de imprevisibilidades, mas triunfante de transformações e novos conhecimentos.

Os ritmos da vivência cultural e científica adquiriram uma tal velocidade, tal diversidade e tais características de interdisciplinaridade, que não podiam senão ter determinado um elevado grau de mudança. Nesse sentido, a ENCICLOPÉDIA VERBO, sendo a mesma, é hoje outra. Um intenso trabalho editorial ao longo de anos impulsionou os mecanismos de uma renovação que se traduz num apuro de critérios e de sistematicidade e numa significativa percentagem de texto novo, consubstanciada em alguns milhares de novas entradas e na actualização ou substituição das existentes. O manuseamento e consulta da ENCICLOPÉDIA VERBO é intuitivo e extremamente simples. Impõem-se, no entanto, algumas explicações.

Actualizações e Bibliografias

Entre os aspectos que contribuíram para o prestígio e credibilidade da *Verbo-Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, desde o início da publicação e durante os anos que levou a completar-se a 1.ª edição, foi o facto de os verbetes nela contidos serem assinados por grandes nomes da cultura e da ciência de Portugal e do Brasil, além da colaboração de ilustres autores de outros países, e, regra geral, conterem uma bibliografia. Ora, a circunstância desta edição ser realizada a uma considerável distância no tempo daquela 1.ª edição, levantou dificuldades no que diz respeito ao equilíbrio entre a necessidade de actualização e a preservação do importante património de textos e autores, muitos deles infelizmente já desaparecidos. Neste sentido, foram utilizados dois procedimentos que se torna necessário esclarecer. O primeiro consiste em assinalar, por meio da sua colocação entre parênteses rectos, breves actualizações em textos cuja qualidade supera um ou outro aspecto inactual. O segundo, visou libertar a bibliografia da assinatura do autor, de modo a permitir a sua actualização. Este procedimento, traduzido na colocação da bibliografia depois da assinatura, destinado a textos de autores que as circunstâncias impedem de rever, converteu-se em regra, para manter uma identidade estrutural da Enciclopédia. No último volume da Enciclopédia serão contemplados verbetes omissos e outras actualizações.

Remissões

A ENCICLOPÉDIA VERBO utiliza um sistema de remissões — através da colocação do símbolo ↗ imediatamente antes do vocábulo remetido — que envia o consulente para informações complementares e lhe permite ir traçando percursos de descoberta e aprofundamento, construindo a partir do texto procurado, um outro texto maior, multifacetado.

Nesta nova edição eliminaram-se, contudo, as remissões para nomes próprios e apelidos, sobretudo porque se considerou redundante juntar qualquer outra distinção à que o nome, pela sua própria natureza, já contém. Assim, qualquer indicação de nome no interior de uma dada entrada constitui, por si só, uma potencial remissão, desde que procurada segundo os critérios de ordenação utilizados, nomeadamente o da ordenação alfabética do apelido.

No caso das freguesias, agora incluídas em artigos mais extensos sobre os respectivos concelhos, será publicada, no final da obra, uma lista de todas elas com indicação do concelho a que pertencem, sua população e área.

BIBL.: S. T. Williams, *The Life of Washington, Irving*, 2 vols., Nova Iorque, 1935; Van Wyck Brooks, *The World of Washington Irving*, Nova Iorque, 1944; Lewis Leavy, *Washington Irving*, Minneapolis, 1963.

isa — 7Isaquente.

Isaac — ESCR. I. ocupa o segundo lugar na «tríade patriarcal» (Abraão, I. e Jacob), sendo apresentado como filho de Abraão (*Gên*, 17,18; 21,3) e pai de Jacob (*Gên*, 25,26), embora claramente subalternizado em relação aos dois. Esta «tríade patriarcal» parece formar-se só a partir de finais do séc. VII a. C. (*Jer*, 33, 26 e muitos textos deuteronomistas). No séc. VIII a. C., I. ainda aparece em paralelo com Israel (*Am*, 7, 9, 16), talvez personificando o reino do Sul face ao reino do Norte. O nome «Isaac», hebraico *yitshaq*, encontra-se mais de 70 vezes no *Livro do Génesis* e 33 vezes no resto do A. T., sendo que em 4 destas 33 vezes regista a grafia variante (*yitshaq*; *Sl*, 105, 9; *Am*, 7, 9, 16; *Jer*, 33, 26), em que o «sin» substitui o «sádê». No N. T., I. é apresentado como «nosso pai» (*Rom*, 9, 10), como filho da promessa e da liberdade



Isaac Abençoa Jacob, de Govaert Flinck

(*Rom*, 9, 7-9; *Gál*, 4, 28-31; *Heb*, 11,17-19), como herói da fé (*Heb*, 11, 20). Em termos etimológicos, o nome «Isaac» (*yitshaq*) poderá ser a forma abreviada do nome pleno *yitshaq-el*, formado por um verbo no imperfeito (*yitshaq*) seguido do sujeito (*el*), cujo significado seria «Deus ri, é favorável» ou «que Deus ria, que seja favorável», muitas vezes documentado na onomástica amorrita. A Bíblia respira, no entanto, outra cultura e outra linguística, nunca aparecendo nela o «riso» de YHWH associado com favor, mas sempre com desprezo e zombaria (*Sl*, 2, 4; 37, 13, *Hab*, 1, 10). Então, desconhecendo o primeiro significado, e não podendo recorrer ao segundo, os redatores da Bíblia explicam o nome de «Isaac» recorrendo ao riso (*satsbaq*) de Abraão (*Gên*, 17, 17) (P) ou de Sara (*Gên*, 18, 12; 21, 6) (J) ou ainda à «brincadeira» (*m'isabeq*) de Ismael com I. (*Gên*, 21, 9) (E) e até às «carícias» (*isahaq-et*) de I. a Rebeca (*Gên*, 26, 8) (J), duas outras conotações do verbo *tsahaq*. O nome «Isaac», tal como sucede, de resto, com Abraão e Jacob, não será dado a nenhuma outra personagem em toda a Escritura. As tradições de I. fixaram-se à volta de Bersabeia (*Gên*, 26), região de Simeão (*Jos*, 19, 2), e é com certeza esta tribo dedicada à criação de

gado miúdo no Sul palestinese a depositária das tradições de I., do seu Deus *pabad* (*Gên*, 31, 42. 53), talvez aqui com o significado de «cordeiro» (seria originário das tradições de Jacob com o significado de «terror» ou de «parente») (*Gên*, 35, 5; 1 *Sam*, 11, 7), e da «atadura» (*aqedah*) de I. (*Gên*, 22, 9). Foi com certeza a integração desta região simeonita no reino de Judá (1 *Sam*, 27, 6), aquando da proclamação de David como rei no Hebron — onde estavam ancoradas as tradições de Abraão, então património de Caleb —, que provocou a fusão das tradições de I. com as de Abraão. Segundo as tradições do Génesis, I. desposou Rebeca, filha do arameu Batus (*Gên*, 24), de quem teve dois filhos, Esaú e Jacob, e faleceu aos 180 anos, tendo sido sepultado no túmulo familiar de Macpelá, junto do Hebron (*Gên*, 35, 27-29).

ANTÓNIO JOSÉ DA ROCHA COUTO

BIBL.: J. Swetnam, *Jesus and Isaac*, Roma, 1981; H. Cazelles, «Hommes, tribus et dieux avant Israël et sa Bible», in H. Cazelles, *La Bible et son Dieu*, Paris, 1989, p. 25; A. Lemaire, «Aux origines d'Israël: la montagne d'Éfraïm et le territoire de Manassé (XIII-XI. siècle av. J.-C.)», in E.-M. Laperrousaz (ed.), *La protohistoire d'Israël. De l'exode à la monarchie*, Paris, 1990, pp. 233-235; id., «Cycle primitif d'Abraham et contexte géographico-historique», in A. Lemaire, B. Otzen (eds.), *History and Traditions of early Israel. Studies presented to Eduard Nielsen*, Leida-Nova Iorque-Colónia, 1993, pp. 73-75; H. Schmidt, *Die Gestalt des Isaak*, Darmstadt, 1991; R. Martin-Achard, «Isaac», in D. N. Freedmann (ed.), *The Anchor Bible Dictionary*, III, Nova Iorque, 1992, pp. 462-470.

Isaac I Comneno — Imperador de Bizâncio de 1057 a 1059 (c. 1005 - 1061). Às qualidades próprias de militar, como firmeza, decisão e amor da disciplina, uniu as de diplomata, como flexibilidade e adaptação às possibilidades do momento. Cometeu o erro de depor e encarcerar o patriarca Miguel Cerulário, o que lhe acarretou a impopularidade. Em circunstâncias ainda não esclarecidas, abdicou em 25.12.1059, tornando-se monge estudita e morrendo como tal em 1061. Sucedeu-lhe como imperador o presidente do Senado, Constantino X Ducas.

M. SOTOMAYOR

BIBL.: G. Ostrogorsky, *Histoire de l'État byzantin*, Paris, 1956; J. Hussey, «The later Macedonians, the Comneni and the Angeli», em *The Cambridge Medieval History*, vol. IV, parte I, Cambridge, 1966.

Isaac II, o Anjo — Imperador de Bizâncio de 1185 a 1195 (c. 1135-1204) e co-imperador com Aleixo IV, seu filho, de 1203-1204. Casado com Margarida, filha do rei húngaro Bela III, em 1185, mantém boas relações com os Húngaros. Combate os Búlgaros e Valáquios, sem êxito, em 1186-1187; fracassa de novo na Bulgária em 1190. Em Abril de 1195 é deposto pelo seu irmão, Aleixo III. Durante o assédio a Constantinopla pelos Cruzados em 1203, é reposto pelo povo. Os Cruzados associam-no a seu filho que vem a ser executado em Fevereiro de 1204, falecendo ele no mesmo ano.

M. SOTOMAYOR

BIBL.: G. Ostrogorsky, *Histoire de l'État byzantin*, Paris, 1956; J. M. Hussey, «The later Macedonians, the Comneni and the Angeli», em *The Cambridge Medieval History*, vol. IV, parte I, Cambridge, 1966; J. D. M. Nicol, «The fourth Crusade and the greek and latin Empires, 1204-1261», *ibid.*

Isaac d'Étoile — Escritor cisterciense (Inglaterra, c. 1110/1120 - Étoile, c. 1169). Estudou em Chartres (1125-1140), foi talvez prof. na mesma cidade e conheceu Gilberto de la Porcée em Paris (1141). Fez-se monge no Mosteiro d'Étoile (Poitiers). Como abade do mesmo mosteiro (1147) fundou o de Merçi-Dieu (1151). Apoiou Tomás Becket no conflito com Henrique II (1164-1166), e depois, não se sabe bem por que razão, viveu como simples monge na ilha de Ré. Nas suas obras revela uma interessante interpretação antropológica da vida espiritual e interessa-se pela doutrina do corpo místico de Cristo. Manifesta influências agostinianas, dionísianas e platónicas.

OBRAS: Em P. L., t. cxciv, cols. 1689-1890; *Sermones* (ed. crit. por A. Hoste e G. Salet, Paris, 1967); *De officio missae*; *De anima*; In *Canticum Canticorum*; In *Ruth*.

JOSÉ MATTOSO

BIBL.: L. Bouyer, *La spiritualité cistercienne*, Paris, 1954, pp. 195-232; M.-Br. Brard, em *Catolique*, 6 (1963), 118-120; A. Hoste, «Une thèse inédite sur I. de l'Étoile», em *Collectanea O. Cist.*, t. xxv, 1963, pp. 265-277.

Isaac Jogues (Santo) — Jesuíta francês, um dos mártires do Canadá (Orleães, 10.1.1607 - Auriesville, EUA, 18.10.1646). Entrou na Companhia de Jesus, em Rouen, em 20.10.1642, foi ordenado sacerdote a 5.2.1636 e embarcou para as missões do Canadá a 7.4.1636. Em 1642, na região de Quebec, os Iroqueses atormentaram-no até quase à morte e mutilaram-lhe as mãos. Repatriado após 13 meses de cativo, veio à França onde foi recebido com honras de mártir. Poucos meses depois insiste com os superiores para regressar ao Canadá (1644), fixando-se em Montreal. Indo como medianeiro entre os Hurões e Iroqueses foi por estes assassinado em ódio à fé. Canonizado com mais sete mártires jesuítas missionários no Canadá a 29.6.1930, desde 1970 a memória litúrgica, facultativa, de S. I. J. e seus companheiros é a 19 de Outubro.

M. ALVES DE OLIVEIRA

BIBL. (além da de «Mártires do Canadá»): Francis Y. Talbot, *Saint among Savages. The Life of Isaac Jogues*, Nova Iorque, 1935 (com ampla bibl. nas pp. 435-437); Piron, *S. Isaac Jogues*, Namur, 1940.

Isaacs (Jorge) — Escritor e político colombiano (Cali, 1.4.1837 - Ibagué, 17.4.1895). Filho de um judeu inglês, estabelecido em Cauca, nas minas auríferas de Chocó, e de Manuela Ferrer, de ascendência espanhola. Teve vida parlamentar activa, primeiro como deputado conservador e depois como liberal. Superintendente da Instrução Pública de Cauca em 1875, foi capitão na Batalha de Chancos em 1876. Tomou parte na revolução em Antioquia em 1879. Expulso da Câmara, retirou-se da vida política. Foi, em 1881, a Guajira em missão científica, em busca de carvão e petróleo. A sua vida activíssima, como a de outros da geração romântica, foi compatível com uma obra delicada, *larmoyante*, lamartiniana e declamatória. Publicou um vol. de versos — *Poesias* — em 1864. A sua grande novela, *Maria*, aventura sentimental de Efraim e Maria, foi escrita durante uma convalescência em Cali, e publicada em 1867.

MARCIAL J. BAYO

BIBL.: M. Carvajal, *Vida y pasión de Jorge Isaacs*, Colômbia, 1937; G. Arciniegas, *Genio y figura de Jorge Isaacs*, Buenos Aires, 1967; D. McGrady, *Jorge Isaacs*, Nova Iorque, 1972.

Isaak (Henricus) — Músico flamengo (Flandres, c. 1450 - Florença, 1517). É apontado como o primeiro compositor internacional do Renascimento, e isso não apenas porque a sua actividade aparece repartida por toda a Europa, sucessivamente ao serviço do duque de Ferrara, de Lourenço, o Magnífico, em Florença, do arquiduque Segismundo, em Innsbruck, do imperador Maximiliano I, em Augsburg, Viena e Constância, mas também, sobretudo, porque a sua obra reflecte uma verdadeira coexistência de estilos, compondo com o mesmo à-vontade nos estilos flamengo, alemão, italiano, e mesmo francês. A sua composição mais famosa é o *Innsbruck ich muss dich lassen*, mas escreveu uma obra imensa, compreendendo madrigais, *chansons*, missas, motetes. Está representada na colectânea *Harmonice Musices Odhecaton*, publicada em Veneza, por Petrucci, em 1501. Foi, ao que parece, discípulo de Ockeghem.

GE. MIRANDA

Isabel (Santa) — Mãe de S. João Baptista. Da descendência de Aarão, foi esposa do sacerdote Zacarias e parenta de Nossa Senhora (*Luc*, 1, 5. 36). Tendo concebido na velhice, a sua maternidade miraculosa é apresentada pelo Anjo à Santíssima Virgem como prova de que também Deus pode operar n'Elá o milagre da concepção do Messias (*Luc*, 1, 36). Ao receber a visita de Maria, S. I. é informada, sobrenaturalmente, do mistério n'Esta operado e tem a honra de A hospedar durante três meses (*Luc*,

Encontro de Sta. Isabel com a Virgem Maria

